

# ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Jul-Dez/2014



# ARQUEIRO

# 30

**Jul-Dez/2014**

**Instituto Nacional de Educação de Surdos**

**Comissão Editorial**

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003  
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2205-0224  
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br

# ARQUEIRO

ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Dilma Vana Rousseff

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Henrique Paim

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Solange Maria da Rocha

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
Maria Inês Batista Barbosa Ramos

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS  
Mônica Azevedo de Carvalho Campello

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
Nadia Maria Postigo

EDIÇÃO  
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES  
Rio de Janeiro – Brasil

VERSÃO EM LIBRAS  
Adilson Magarão Buzé  
Camila Lopes Nascimento  
Elaine Maria de Lima Bulhões  
Flávia Luiza Fernandes Caldas  
Fabiola de Vasconcelos Saudan Faria  
Lenildo Lima de Souza  
Priscilla Fonseca Cavalcante

PRODUÇÃO DA VERSÃO EM LIBRAS  
Laboratório de Novas Tecnologias Flausino José da Gama

PROGRAMAÇÃO VISUAL / DIAGRAMAÇÃO DESTA EDIÇÃO  
BECONN | Produção de Conteúdo – Érika Souza

IMPRESSÃO  
Editora e Papéis Nova Aliança

TIRAGEM  
3.500 exemplares

CONSELHO EDITORIAL  
Alexandre Guedes Pereira Xavier  
Camila Lopes Nascimento  
Laurinda Medon do Valle  
Maria de Fátima dos Santos Cardoso  
Mônica Azevedo de Carvalho Campello  
Priscilla Fonseca Cavalcante  
Sarah Miglioli da Cunha Alves  
Simone Ferreira Conforto

REVISÃO  
Revisão Técnica: Maria de Fátima dos Santos Cardoso  
Revisão Editorial: Claudia M. Duarte e Cristina Loureiro de Sá

Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos. —  
Vol.1 (jan/jun 2000) — . — Rio de Janeiro : INES,  
2000—  
v. : il. ; 21 cm.

Semestral  
ISSN 1518-2495

1. Surdos — Educação. I. Instituto Nacional de Educação  
de Surdos (Brasil).

CDD — 371.912

# Sumário

---

<b>Editorial</b>	<b>5</b>
<b>A inclusão dos alunos com surdez nas escolas municipais de Ji-Paraná/RO: a importância do atendimento educacional especializado para suas aprendizagens</b>	<b>7</b>
Jusiany Pereira da Cunha dos Santos Anamaria Silveira	
<b>Programa de prática profissional na área da surdez</b>	<b>15</b>
Valécia de Oliveira Santos Silva Rosane Amaral Chavier	
<b>História da Educação dos Surdos em Itabaiana/SE (1996-2014)</b>	<b>21</b>
Eivaldo da Silva Costa Verônica dos Reis Mariano Souza	
<b>Romero Britto, carnaval e Copa do Mundo 2014: um projeto pedagógico e arte</b>	<b>31</b>
Eliane do Nascimento Gouvêa	
<b>Psicologia escolar em uma perspectiva crítica: as dimensões ética e situacional da educação em uma escola bilíngue de surdos</b>	<b>45</b>
Renato Dente Luz	
<b>Aconteceu</b>	<b>57</b>
<b>Normas para publicação na revista Arqueiro</b>	<b>59</b>



## Editorial

---

Esta edição da revista Arqueiro apresenta aos nossos leitores os trabalhos e as experiências práticas de estudos e pesquisas que estão sendo desenvolvidas no contexto da educação de surdos.

O primeiro artigo, *A inclusão dos alunos com surdez nas escolas municipais de Ji-Paraná/RO: a importância do atendimento educacional especializado para suas aprendizagens*, de Jusiany Pereira da Cunha dos Santos e Anamaria Silveira, tem como objetivo investigar práticas pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos surdos que cursam o ensino Fundamental, em duas escolas municipais, enfocando os atendimentos realizados nas Salas de Recursos.

O artigo seguinte, *Programa de prática profissional na área da surdez*, de Valécia de Oliveira S. Silva e Rosane Amaral Chavier, trata de um programa de capacitação semestral direcionado aos profissionais das áreas de saúde e educação, que conta com 80 horas de aulas teóricas e 72 horas de aulas práticas.

*História da Educação dos Surdos em Itabaiana/SE (1996-2014)*, de Edivaldo da Silva Costa e Verônica dos Reis Mariano Souza, mostra o percurso histórico da Educação dos Surdos em Itabaiana, Sergipe, desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Para os autores, “pesquisas referentes à História da Educação dos Surdos tornam-se relevantes por ‘desenterrar as raízes históricas’, registrar os fatos em diferentes épocas e realizar uma análise dessa trajetória”.

O artigo *Romero Britto, carnaval e Copa do Mundo 2014: um projeto pedagógico em arte*, de Eliane do Nascimento Gouvêa, buscou propiciar o desenvolvimento da sensibilização de alunos surdos por intermédio da arte, observando as datas comemorativas do calendário escolar como o carnaval e a Copa do Mundo que aconteceu no Brasil em 2014. Tem como fundamentação as obras do artista Romero Britto.

Renato Dente Luz discorre sobre os parâmetros teórico-metodológicos utilizados em um trabalho em psicologia escolar realizado durante alguns anos em uma escola bilíngue de surdos no artigo *Psicologia escolar em uma perspectiva crítica: as dimensões ética e situacional da educação em uma escola bilíngue*

*de surdos*. Para ele, uma aproximação da psicologia crítica (escolar ou não) à área de surdez pode ser mutuamente enriquecedora.

Fechando esta edição, a seção *Aconteceu* registra o debate realizado durante o X Encontro de Pais de Surdos do Estado do Rio de Janeiro, que teve como tema “Tecnologia e Educação: quais os desafios?”.

Boa leitura!

# A inclusão dos alunos com surdez nas escolas municipais de Ji-Paraná/RO: a importância do atendimento educacional especializado para suas aprendizagens<sup>1</sup>

---

*Jusiany Pereira da Cunha dos Santos<sup>2</sup>*

*Anamaria Silveira<sup>3</sup>*

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar práticas pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos surdos de duas escolas municipais, enfocando os atendimentos realizados nas Salas de Recursos. A motivação maior para desenvolver tal pesquisa decorreu das muitas situações que os alunos surdos que cursam o Ensino Fundamental vivenciam nesse município.

O AEE acontece no horário inverso ao da sala regular, duas vezes por semana em duas escolas, com professora de AEE e dois instrutores surdos que ensinam Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse atendimento tem duração de quatro horas semanais.

---

<sup>1</sup> Artigo de Pesquisa sobre a Inclusão de Alunos com Surdez nas Escolas Municipais. Com bolsa do CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – PPGE-UNIR – Porto Velho.

<sup>2</sup> Pedagoga. Especialista em: Libras, Tradução e Interpretação da Libras, Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado. Acadêmica no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – PPGE-UNIR – Porto Velho. Bolsista da CAPES. Professora Municipal do AEE para Alunos com Surdez. Intérprete nos Cursos de Libras para Formação de Docentes da SEMED. Participante e pesquisadora do Grupo de Estudos Interativos e Pesquisa em Educação Inclusiva — GEIPEI. Colaboradora das pesquisas do Observatório Municipal de Educação Especial — OMMES. E-mail: jusysantos29@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora. Professora da UNIR, Campus de Ji-paraná; líder do Grupo de Pesquisa – GEIPEI, orientadora no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – PPGE – UNIR – Porto Velho. E-mail: anaunir2012@gmail.com.

A metodologia empregada baseia-se na abordagem qualitativa, por implicar em uma partilha com pessoas, fatos e locais que irão constituir, em que o pesquisador é o principal instrumento e o ambiente natural sua fonte de dados, ou seja, o pesquisador tem contato com o ambiente e a situação que está sendo objeto de estudo. Nessa abordagem a pesquisa é flexível. Segundo Ludke o pesquisador

## Metodologia

Dentre as metas para o ABE, pode-se afirmar que sejam a aquisição e desenvolvimento da língua de sinais pelos surdos, promover a fluência dessa língua, promover trocas de experiências entre os surdos. Diante desse entendimento há necessidade da escola regular embasar-se no bilinguismo para pensar a educação de surdos, pois é por meio desse ambiente que de fato os alunos têm possibilidades de realizar suas construções, partilhar saberes, e até sentimentos, sendo a primeira língua a Libras e a segunda a

Língua Portuguesa.

que seja possível aos alunos construir aprendizagens dentro e fora dos muros escolares.

Ao compartilharmos as experiências com outros docentes nas escolas, podemos perceber que há diversas dificuldades nas abordagens e práticas pedagógicas, sendo necessário repensar posturas e buscar alternativas para

comunicam e precisam ser respeitadas em suas diferenças.

de deficiência, pois os surdos são pessoas capazes, que pensam agem e se auditiva, mas considerá-la um viés cultural que não constitui uma condição suas diferenças, reafirmamos não ser possível reduzir a surdez a uma limitação Com base no entendimento que os surdos precisam ser respeitados em cultura e língua próprias.

o respeito à diferença surda, concebendo os surdos enquanto sujeitos com foram idealizadas para a realidade escolar, percebendo como fundamental compartilhar as diferentes estratégias pedagógicas e práticas inclusivas que O foco está em entender melhor os três momentos didáticos pedagógicos, qual se optou em desenvolver esta pesquisa.

tanto pedagógicas como metodológicas desse público específico, razão pela Assim, atuando nesses dois ambientes foi possível perceber as dificuldades como é sua comunicação no meio familiar.

eles estão inseridos, os conhecimentos dos mesmos sobre a Libras e também e familiares dos sujeitos pesquisados, a fim de conhecer o ambiente em que Para tanto, foram elaboradas entrevistas envolvendo os professores, pais

mantém contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente, e a partir daí analisa como o ambiente investigado pode rever e aprimorar o problema da pesquisa inicial. (...) Nestes estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas (1986, p.12).

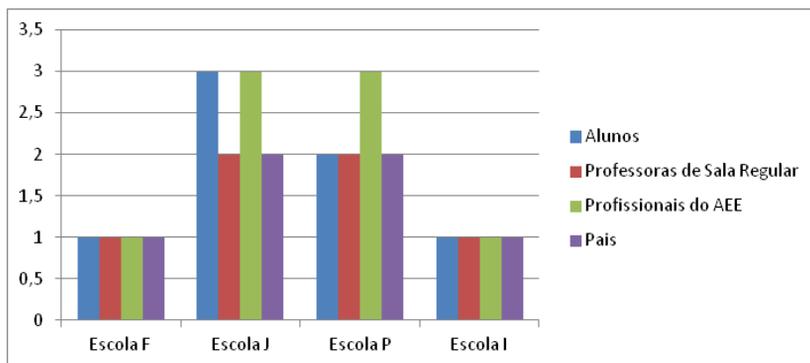
Na abordagem qualitativa é relevante a preocupação com um contexto cultural amplo, levando em consideração a vivência do indivíduo, ao se pensar no processo ensino e aprendizagem, o que possibilita considerar os diferentes pontos de vista e clarear o dinamismo das situações presenciadas.

Na coleta dos dados utilizou-se o questionário aberto semiestruturado para entrevistar oito professoras das salas regulares, e cinco profissionais do AEE: dois instrutores e três professoras especializadas. Os pais ou responsáveis também foram entrevistados. Para Minayo, o trabalho de campo é

(...) uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão. Por tudo isso, o trabalho de campo, além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto da teoria social (2012, p. 76).

Para se alcançar os objetivos inicialmente propostos, foi necessário o trabalho de campo para verificar e compreender como acontece processo de ensino/aprendizagem destes alunos. Além das estratégias anteriormente apresentadas, foram realizadas entrevistas, observações e questionários que tiveram como objetivo compreender a temática.

Nesta pesquisa há duas escolas onde os alunos são atendidos nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM); contudo, estes estão matriculados em quatro escolas municipais, sendo que não será mencionado o nome das escolas, dos professores, pais ou alunos por questão de ética. As referidas escolas serão identificadas por letras, sendo:



Créditos: Jusiany P. C. dos Santos.

Foram entrevistadas sete professoras desses alunos com surdez, sendo quatro professoras das salas regulares e três profissionais de Salas de Recursos. Foram entrevistados seis pais.

### Apresentação e discussão dos resultados parciais

O presente estudo engloba nove sujeitos com idades entre 9 e 58 anos. Destes, dois educandos são adultos e estudam na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Estão matriculados do segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental.

Do universo pesquisado três moram com os pais, um mora com os avós paternos, um mora com irmã e um mora com a sobrinha. As famílias em sua maioria são de baixa renda, dos que moram com seus pais ou avós apenas o pai ou avô trabalham.

Segundo relato dos familiares, a surdez foi percebida entre um e três anos de idade, pois as crianças ainda não falavam. Percebeu-se que dentre os educandos todos gostam de estar entre surdos que interagem muito bem. Seis deles se percebem como surdos e sinalizam que as professoras do AEE são ouvintes e que os instrutores são surdos.

Os sujeitos pesquisados são carinhosos e demonstram afeto aos professores, gostam de utilizar o computador, sendo que os menores preferem acessar o site de brincadeiras.

Percebe-se que há pouca comunicação nas famílias de quase todos os surdos pesquisados, uma vez que poucos familiares perceberam a importância da Libras para eles. Há relatos de surdos que reclamam por não conseguirem se comunicar em casa, e de uma mãe que foi até a escola para conversar com

a professora de AEE. Nesse dia a mãe citou situações em casa em que não conseguiram compreender o que seu filho queria dizer.

Apenas quatro<sup>2</sup> dessas famílias sabem um pouco sobre a Libras, das famílias pesquisadas apenas uma sobrinha, três mães, dois pais e um irmão mais novo tiveram interesse em aprender a comunicar-se melhor com a irmã surda.

Nota-se que dos alunos surdos observados três são concentrados, aprendem com facilidade a Libras, não apresentam dificuldade para aprender matemática, percebem-se como surdos por conviverem com outros surdos, usam a língua de sinais para se comunicar. Sabem todas as letras do alfabeto, fazem contas de matemática e têm boa fixação do conteúdo, escrevem seus nomes e o da professora, conhecem várias palavras de memória.

Entretanto, os outros quatro alunos investigados têm mais dificuldade de aprender, emitem sons para se comunicarem, sabem pouco de Libras, tem dificuldades de concentração e não conseguem memorizar o conteúdo. Deste segundo grupo três são adultos e seu contato com Libras é reduzido, uma educanda apresenta surdez e atraso neuropsicomotor.

Percebemos que é de extrema importância conhecer as pessoas da família do aluno em questão e assim entender suas necessidades e a importância do ensino de Libras, para que haja melhor interação e comunicação em casa. Se a criança for assistida desde o nascimento e em cada fase da sua vida, certamente estará pronta para lidar com diferentes situações no futuro. Para Weinberg:

A família, primeiro agente socializante, com sua hierarquia e atribuição de papéis, são importantes para compreensão do mundo, pois ela permite a vivência dos primeiros conflitos, frustrações, expectativas. Essas vivências e esse tipo de organização primária podem vir a ser muito significativos e, simbolicamente, alavancados nas primeiras frustrações enfrentadas pelos jovens, sejam eles no âmbito escolar, social e afetivo (2002, p. 144).

Após escolher os locais e buscar subsídios que pudessem embasar esta pesquisa podemos afirmar que os alunos com surdez têm o direito de ser bilíngues. Cabe a nós educadores dar voz a esses sujeitos, respeitando suas particularidades e diferenças culturais para que tenham contato com as duas comunidades linguísticas e sejam identificados como indivíduos capazes.

Percebeu-se nas visitas às escolas que, embora os professores saibam um pouco de Libras, um dos pontos negativos é a falta de intérpretes nas escolas municipais. No AEE a presença da professora bilíngue ajuda muito, e ainda

---

<sup>2</sup> Dados parciais extraídos da pesquisa feita com as famílias dos alunos surdos.

a presença dos dois instrutores tem auxiliado muito aos surdos na aquisição da língua. Segundo Santos e Gurgel:

O termo “instrutor” parece remeter à tarefa específica do ensino de uma língua. Por outro lado, sua atuação não se resume a isso, pois ele propicia vivências pelas quais as crianças surdas podem enxergar o mundo de uma forma culturalmente peculiar (...), facilitando a comunicação destes junto a seus outros colegas e permitindo que ele divida também suas alegrias, preocupações e dúvidas dentro da sala, pois este é um momento de trocas e de valor entre eles (2010, p. 53).

A professora do ABE trabalha com diversas atividades, sendo que todas são visuais, o que tem mostrado boa aceitação e interesse dos alunos surdos, e com histórias e fábulas. A professora primeiro mostra aos alunos a história em DVD e com Libras. Depois eles fazem o relato dessa história. Após encenarem os fatos utilizando sequência, eles mesmos as organizam e contam cada parte da história. A seguir a professora as escreve uma a uma na lousa, sinaliza em Libras e então os instrutores fazem o mesmo. Com essa estratégia os surdos percebem que o que sinalizam em Libras a professora escreve na lousa, depois eles vão ao quadro e por apontamento de cada palavra, sinalizam. Desse modo, os surdos vão somando suas falas (com as mãos) à escrita, da mesma maneira como fazem as crianças ouvintes, pois elas falam e escrevem. Como afirma Lodi e Luciano:

Atividades de contar histórias, considerando que estas práticas propiciam a imersão das crianças em atividades discursivo-enuciativas por meio das quais as situações vivenciadas nos livros podem ser postas em diálogos com a vivência de cada uma. Além disso, estas práticas possibilitavam o contato das crianças com práticas de letramento que interferirão, de maneira significativa, em seu processo posterior de aprendizagem da língua escrita da língua portuguesa (2010, p. 43).

Foi possível perceber que o trabalho a partir das histórias e fábulas infantis permite aos surdos descobrir hipóteses. Eles dramatizam as situações que já assistiram e depois de a professora escrever o que eles sinalizaram, já apontam quais são as palavras que sabem, perguntam significados de outras. Também são capazes de apontar quais palavras já foram incluídas no dicionário ilustrado.

## Considerações finais

A intenção de pesquisar experiências e práticas pedagógicas de inclusão de surdos no município de Ji-Paraná, RO, surgiu no decorrer dos estudos realizados no mestrado em Educação. No entanto, a opção pelo tema se deu em decorrência da necessidade de expor um pouco as metodologias utilizadas com histórias e fábulas, e por último de compreender a escolarização dos alunos com surdez.

Durante o período dos estudos foi possível repensar estratégias que, por meio das vivências propiciadas na pós-graduação e agora no mestrado na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), possibilitaram-nos um novo olhar sobre a educação dos surdos, rever as principais tendências pedagógicas, constatando o quanto foram prejudicados no decorrer da história, e acreditar que o bilinguismo tem contribuído para o melhor atendimento a esses alunos.

Por meio de diversas leituras, dos documentos oficiais pesquisados, do envolvimento com os sujeitos da pesquisa, das visitas às escolas, das conversas com as professoras, foi possível refazer alguns conceitos e perceber os vários pontos que avançamos desde que começamos o atendimento aos alunos surdos em Ji-Paraná.

Entendemos por meio desta pesquisa que a metodologia de ensino, o conhecimento da Libras e a presença do instrutor surdo adulto têm servido de referência identitária, contudo entendemos que precisamos utilizar a legislação vigente, assim como as medidas legais existentes, considerando as condições concretas que temos, ao invés de esperar por todas as reformas. Julgamos ser de extrema importância que as professoras, por estarem envolvidas nesse processo, busquem o aprimoramento de suas práticas com o intuito de atender a todos independentemente dessas diferenças e de buscar construir de fato uma escola para todos.

## Referências bibliográficas

BRASIL. DECRETO No 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Extraído em 30/08/2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>.

BRASIL. LEI no 10.436, de 24 de abril de 2002. Extraído em 29/08/2011. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02>>.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na

educação básica. Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP, Brasília, 2001.

DAMAZIO, Mirlene F. Macedo. Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez. Brasília: SEESP/MEC, 2007.

LODI, A. C. B.; LUCIANO, R. T. Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. de. (Orgs.) Uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANTOS, Lara F dos; GURGEL, Tais M. do Amaral. O Intrutor Surdo em uma escola inclusiva bilíngue. In: LODI, Ana Cláudia Baliero, LACERDA, Cristina B.F. de. (Orgs.) Uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010.

WEINBERG, Cybelle. Geração delivery adoecer no mundo atual. 2a Ed. São Paulo: Sã Editora, 2001.

# Programa de prática profissional na área da surdez

---

*Valécia de Oliveira Santos da Silva<sup>1</sup>*

*Rosane Amaral Chavier<sup>2</sup>*

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Figura 1) ao longo de seus 156 anos de existência conquistou um lugar de referência para profissionais de diversas áreas, que buscam conhecimentos sobre a surdez.

Tais conhecimentos, muitas vezes, não foram oportunizados durante a vida acadêmica, mas são

necessários para a promoção da inclusão socioeducacional da pessoa surda.



Figura 1: Instituto Nacional de Educação de Surdos.

---

<sup>1</sup> Professora, mestre do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).  
E-mail: valeciaoliveira@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora, pós-graduada do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).  
E-mail: rchavier@ig.com.br.

Centro de referência na área da surdez, o INES presta assessoria a instituições públicas e privadas nas áreas de saúde e educação, além de oferecer seu espaço físico para profissionais que realizam pesquisas acadêmicas e/ou buscam capacitação técnica visando a construção de estratégias e recursos técnicos pedagógicos que lhes auxiliem nas atividades laborativas com a pessoa surda.

Acompanhando as novas tecnologias, formando pedagogos, produzindo materiais e conhecimentos sobre a surdez, em uma perspectiva de interação social que promova a inclusão social, o INES vem aprimorando e ampliando sua política de capacitação de pessoal.

Nesta direção, durante o ano de 2010, propusemos uma reestruturação no modelo de capacitação técnica que, até então, não privilegiava informações teóricas sobre a surdez.

A proposta foi discutida com a equipe da DFCRH (Divisão de Formação e Capacitação de Recursos Humanos/DFCRH) e aprovada pela Direção Geral do INES. Surgiu, então, o Programa de Prática Profissional na área da Surdez (PROPP) com suas Normas e Diretrizes aprovadas e publicadas na Portaria no 200, do boletim interno no 06, de 30 de junho de 2011.

Em maio de 2013 adequamos o programa às demandas profissionais cujas alterações foram publicadas na Portaria no 105, de 07 de maio de 2013. A parte teórica que era oferecida em dois dias passou a ser ministrada em um dia inteiro visando a minimizar o afastamento dos inscrites de suas rotinas laborais.

O PROPP é uma capacitação semestral direcionada aos profissionais das áreas de saúde e educação, com carga horária total de 80 horas subdivididas em 8 horas de informações teóricas mediante palestras, materiais impressos e mídias produzidos pelo INES e 72 horas de prática na área de formação do participante.

As palestras da parte teórica versam sobre políticas públicas na área da surdez; reflexões sobre a pessoa surda no mercado de



Figura 2: Profª Vitória Fidelis

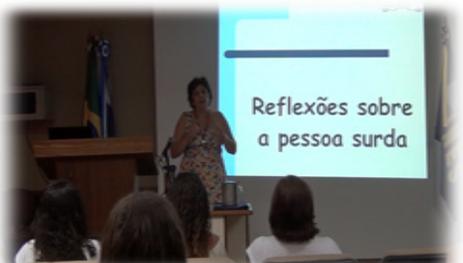


Figura 3: Profª Ana Lucia Tinoco.

trabalho (Fig. 2); importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a inclusão social da pessoa surda (Fig. 3); desenvolvimento da linguagem (Fig. 4); prevenção, diagnóstico, acompanhamento da surdez e suas especificidades no processo ensino-aprendizagem (Fig. 5); diferentes modalidades, abordagens e estratégias educacionais (Fig. 6).

A parte prática privilegia a formação acadêmica e laborativa do participante, viabilizando vivenciar atividades em sala de aula; atendimentos fonoaudiológicos e a realização de exames audiológicos; participação em aconselhamento nutricional; encaminhamento profissional de pessoas surdas para o mercado de trabalho e orientação à família dos alunos matriculados no INES com psicólogos e assistentes sociais.

Todas as atividades de participação e coparticipação realizadas pelos capacitandos são supervisionadas por profissionais do INES em contextos reais de atuação.

O PROPP vem se consolidando a cada ano com um número sempre crescente de inscitos.

De 2011 a 2013 o PROPP inscreveu 91 profissionais nas áreas de serviço social, psicologia, nutrição, fonoaudiologia, licenciaturas diversas e pedagogia.

Na edição de 2014, primeiro semestre, o PROPP recebeu 67 inscrições de professores e técnicos das áreas de fonoaudiologia, pedagogia, português, Libras, matemática, química, biologia, artes e pós-graduados em ciências humanas.

Ao final da capacitação, os participantes recebem Certificado (Figs. 7 e 8) e



Figura 4: Fonoaudiólogas Flávia e Ana.



Figura 5: Profª Elaine Baptista.



Figura 6: Profª Valécia Oliveira.



Figura 7: Certificado de participação.



Figura 8: Verso do certificado com as palestras da parte teórica e respectivos palestrantes.

informam, mediante um relatório individual avaliativo, a qualidade/validade do programa atribuindo notas em uma escala de 0 a 5.

As palestras e vivências teórico-práticas favorecem a troca de experiências e de saberes entre profissionais do INES e da comunidade (Fig. 9). Propiciam e desencadeiam reflexões, mudanças de paradigmas e descobertas de caminhos socioeducacionais que contribuem para a formação de técnicos, docentes e discentes críticos, recebedores e produtores de conhecimentos no contexto da diversidade.



Figura 9: PROPP 2014 - da direita para a esquerda: palestrante Profa. Paula Nunes; Profas. Valécia Oliveira e Monica Campello e capacitandos.

Em recente consulta on-line sobre a relevância do PROPP na atuação profissional de ex-participantes do programa, obtivemos informações que ratificam sua singularidade, contribuição e importância para a (re)construção de práticas e estratégias técnico pedagógicas com a pessoa surda e suas especificidades:

*“A proposta do PROPP foi significativa para compreender a cultura surda nos seus detalhes cotidianos, tive a oportunidade de conviver com os alunos e profissionais do primeiro segmento do ensino fundamental no INES, essa experiência foi um divisor de ações inclusivas na minha prática pedagógica, obrigada”.*

Rejane Prestes Duarte Ferreira – Pedagoga

*“Pude observar atendimentos de bebês, crianças e adolescentes surdos. Conhecer síndromes que causam surdez, ter acesso aos DVDs elaborados pelo INES e aos materiais usados pelos profissionais do INES nos atendimentos. Atualmente, todos os pacientes surdos são encaminhados para mim na unidade em que trabalho no Município de Paraíba do Sul”.*

Raquel Ribeiro Tavares — Fonoaudióloga

*“A capacitação que realizei no INES foi extremamente enriquecedora para minhas reflexões pedagógicas. Aproveito para sugerir que haja uma maior abrangência para outros setores. Gostaria, por exemplo, de conhecer o trabalho realizado com alunos surdos cegos, surdos e autistas”.*

Ângela Simone — Professora de Português

*“Ensina uma lição: existe comunicação entre todos os seres (...) o desafio é a língua”.*

Regina Gomes Mattos Barbosa — Professora de Português

*“Particpei do PROPP no setor de fonoaudiologia e essa experiência foi de grande relevância para minha atuação profissional na área de surdez. Como eu já tinha experiência no trabalho de oralismo com surdos, foi, portanto, no INES que tive a oportunidade de conhecer mais de perto (e na prática) uma intervenção bilíngue com deficientes auditivos. Agradeço a toda equipe pela oportunidade de abrirem as portas da Instituição para realizar esse Programa tão abrangente e completo.*

*Parabéns pelo trabalho!”.*

Raquel de Oliveira Justino – Fonoaudióloga

*“Está sendo de grande importância na minha atuação em sala de aula, pois criou formas e direcionamento para aplicação dos meus conhecimentos adquiridos com a experiência do PROPP, enriquecendo ainda mais o ensino e aprendizagem dos meus alunos”.*

Janaina Araújo – Professora do Ensino Fundamental

*“As informações técnico-pedagógicas recebidas durante a parte prática do PROPP estão sendo aplicadas em situações profissionais atuais”.*

Érica Ribeiro – Fonoaudióloga

*“As informações teóricas contribuíram para discussão e reflexão teórico prática e a parte prática está sendo aplicada em situações profissionais atuais”.*

Hilda Leonor Cuevas de A. Soares – Professora de Geografia

Informações sobre o Programa de Prática Profissional na área da Surdez encontram-se na página do INES: [www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br)

# História da Educação dos Surdos em Itabaiana/SE (1996-2014)

---

*Edivaldo da Silva Costa<sup>1</sup>*

*Verônica dos Reis Mariano Souza<sup>2</sup>*

## Introdução

Na área de História da Educação dos Surdos Sergipanos, estudos e pesquisas vêm apontando que há uma deficiência de livros que tratem da historiografia educacional das pessoas com necessidades especiais auditivas, isso mostra que poucos historiadores têm se interessado em resgatar os fatos históricos da Educação Especial, com exceção dos trabalhos das professoras Rita de Cácia Souza (2000; 2005; 2009), que trata da História da Educação Especial em Sergipe, e de Verônica Souza (2000; 2007; 2010), que aborda a História da Educação de Surdos em Aracaju.

Do ponto de vista histórico, no que diz respeito à Educação dos Surdos, apenas nas duas últimas décadas os membros das comunidades surdas brasileiras conquistaram o reconhecimento de sua identidade e bi/multiculturalidade, pois Quadros (1997) em uma abordagem sócio antropológica considera o surdo não como “deficiente”, mas como membro de uma comunidade linguística minoritária.

O ápice de tal reconhecimento pode ser considerado a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio da Lei no 10.436/02, regulamentada pelo Decreto no 5.626/05, o que garantiu aos surdos o direito de frequentar diferentes espaços na sociedade, utilizando a Libras.

Diante desses fatos, pesquisas referentes à História da Educação dos Surdos tornam-se relevantes por “desenterrar as raízes históricas”, registrar os fatos em diferentes épocas e realizar uma análise da trajetória.

---

<sup>1</sup> Professor assistente colaborador da Universidade Federal de Sergipe — UFS — no curso de Pedagogia. E-mail: edieinstein@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora adjunta da Universidade Federal de Sergipe — UFS — no curso de Pedagogia e nos Núcleos de Pós-Graduação em Educação e Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Líder do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar — Nupieped. E-mail: veromar@infonet.com.br.

Para este artigo adotou-se como método a pesquisa documental por meio de fontes históricas primárias e secundárias, com o objetivo de apresentar os registros históricos da educação dos surdos em Itabaiana, da gênese à contemporaneidade.

A pesquisa retratada fundamenta-se nos trabalhos de Barbosa, Santos e Andrade (2010), Santos (2009; 2010) e Costa et al. (2013). A seguir serão apresentados os aspectos históricos da Educação dos Surdos em Itabaiana, da gênese à contemporaneidade.

### Educação dos Surdos em Itabaiana/SE

O CAIC<sup>3</sup> - Vicente Machado Menezes, atualmente Escola Estadual Vicente Machado Menezes, é uma escola da rede pública estadual de ensino criada por meio do Decreto no 15.163, de 26 de dezembro de 1994, que oferece o Ensino Fundamental, Supletivo e Educação Especial. Dentre estas modalidades de ensino, a Educação Especial em Itabaiana – Atendimento aos Portadores de Necessidades Educativas Especiais (PNEES), segundo Barbosa, Santos e Andrade (2010) teve início em 1996, com a implantação das Classes Especiais (Figura 1) para alunos surdos no CAIC – Vicente Machado Menezes, jurisdicionada pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe — Divisão da Educação Especial – Diretoria Regional de Educação (SEED/DIEESP/DRE'03), visando no momento a atender aos alunos com necessidades especiais auditivas.



Figura 1: Foto da Classe Especial do CAIC - Vicente Machado Menezes.  
Fonte: Acervo da sala de recursos multifuncional “Luan Fagundes Domingos”  
cedida pela professora Alessandra Resende dos Santos Andrade.

<sup>3</sup>A sigla CAIC significa Centro de Aprendizagem e Integração de Cursos.

A iniciativa desse projeto para a implantação dessa modalidade de ensino na cidade de Itabaiana deu-se por meio do Secretário da Educação do Estado com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN no 9.394/96) em seu Capítulo V, que trata da Educação Especial nos Arts. 58, 59 e 60 como maneira de garantir a educação para todos. E a escolha dessa escola deu-se junto à Diretoria Regional de Educação DRE'03 e à diretora da escola, na época, Maria Izabel Santana, motivadas pelo espaço e pela estrutura física. Tal iniciativa foi apontada como audaciosa por muitos profissionais, pois se tratava de um projeto inovador e revolucionário de integrar alunos surdos à escola de ensino regular.

A primeira turma iniciou com dez alunos surdos e faixa etária entre 7 e 10 anos. As professoras pioneiras nesse grande e notável desafio foram Edeny (1996) e Maria Enivalda (1997). Em seguida, para substituí-las, Jussinara e Zuleide, que também ficaram por pouco tempo, e dando continuidade ao trabalho, a professora Maria Ilai (1997) que também fez parte desse grupo no qual permanece até os dias atuais. Com o passar do tempo, o número de alunos surdos foi crescendo, fazendo-se necessário dividir a turma em duas, sendo que a professora Josenilde (1998) assumiu uma turma. Em 1999, perfazendo-se um total de 36 alunos surdos, foi preciso formar mais outra turma, pois o número de alunos permitido por turma estava além do limite, assumindo então a professora Edna Maria a terceira turma.

Em 2000, essas Classes Especiais eram ministradas em um espaço isolado das demais turmas do ensino regular. Na época, a escola tinha três salas em um total de 38 alunos surdos (SANTOS, 2009).

Assim, as três turmas de Classes Especiais ficaram definidas segundo os níveis de aprendizagem de acordo com a organização da estrutura e funcionamento de atendimento exposto nas Diretrizes da Política Estadual da Educação Especial de Sergipe (Aracaju, março/2000):

NÍVEIS DE APRENDIZAGEM — As Classes Especiais organizar-se-ão por níveis de Aprendizagem, conforme faixa etária do alunado nas diferentes modalidades de ensino na modalidade:

### **ENSINO FUNDAMENTAL**

- Alfabetização (7 a 12 anos): Com a permanência de 1 (um) ano no referido ciclo. Neste ciclo, estudarão os alunos que não passaram pela educação infantil, ou os que necessitarem de mais de um ano de estudos, para a prontidão de atividades em leitura, escrita e pensamento lógico-matemático. Este ciclo será equivalente ao último estágio da Educação Infantil (estágio III) no desenvolvimento de atividades curriculares;
- Ciclo I (7 a 12 anos): Terá a duração de um ano, em que eles estarão aptos

Ainda em 2002, as professoras Edna Maria dos Santos e Josenilde Batista Almeida juntamente com as alunas surdas Maria Audenora Mendonça Fior e Maria Aparecida dos Santos fizeram parte da seleção de 20 alunos e professores de todas as Diretorias Educacionais e Regionais do Estado de Sergipe para participarem do curso Libras em Contexto em Aracaju, ministrado por Paulo André Martins de Bulhões, professor surdo de Matemática e instrutor de

com todos da escola em 2003. etapas — a 1ª etapa com a família dos alunos surdos em 2002 e a 2ª etapa relacionamento entre estes grupos. O mesmo seria desenvolvido em duas com o objetivo de mostrar o quanto é importante a Libras para um melhor se o Projeto Integração — busca da aprendizagem por meio da cooperação, escola como principalmente as famílias dos alunos surdos, então organizou-necessidade de desenvolver outro projeto que envolvesse não só todos na apresentações intra e extracurriculares. Em seguida, surgiu no final de 2001, a a integração de surdos e ouvintes na realização de um trabalho inovador com seguida se deu a criação do Coral Estrelas Silenciosas que tinha como objetivo conscientização ambiental e o trabalho interativo com todos na escola. Em em outubro de 2001, o qual tinha como intuito a reciclagem por meio da de Fantoche (casa confeccionada com caixas de leite e suco, inaugurada colocar em prática o primeiro projeto de grande porte, a construção da Casa a partir de 2000, as professoras das Classes Especiais começavam a Porto (EEEP) e outros.

Agrícola Prefeito João Alves dos Santos (ETAPFAS), Escola Estadual Eliezer para serem desenvolvidos em poucos dias, como visita à Escola Técnica para serem executados em curto prazo, ou melhor, projetos pedagógicos Os projetos de pequeno porte envolviam precisamente aqueles elaborados diária de cada um, bem como também de divulgar um trabalho excepcional. nossas vidas, de como ele é importante no processo de aprendizagem da vida porte com o intuito de conscientizar a sociedade de que o diferente faz parte de Classes Especiais foram desenvolvendo vários projetos de pequeno e grande de Machado entre outras). Desde o início das atividades, as professoras das de cidades circunvizinhas (Área Branca, Campo do Brito, Povoado Serra dos alunos surdos da cidade de Itabiana (maioria), outros alunos surdos acima de 12 anos de idade. Portanto, as Classes Especiais atendiam além A realidade da maioria dos alunos surdos inclusos nos três ciclos é de

- conteúdos de 4ª série;
- Ciclo III (9 a 14 anos): Duração de um a dois anos, tornando-os aptos aos conteúdos de 3ª série;
  - Ciclo II (8 a 13 anos): Duração de um ano, tornando-os aptos aos conteúdos de 1ª e 2ª séries;

Libras do Instituto Nacional de Educação do Surdo (INES/RJ). Esse curso foi promovido pelo Ministério da Educação em parceria com a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, Secretarias Estadual e Municipal de Educação — MEC/FENEIS/SEED/SEMED (SANTOS, 2010).



Figura 2: Foto do professor surdo do INES e das professoras das Classes Especiais do CAIC – Vicente Machado Menezes no Curso Libras em Contexto. Fonte: Acervo da sala de recursos multifuncional “Luan Fagundes Domingos”, foto cedida pela professora Edna Maria dos Santos.

No curso Libras em Contexto, os alunos surdos e professores foram selecionados para serem futuros instrutores de Libras, ou melhor, multiplicadores da Língua de Sinais, foram qualificados para ministrar cursos de Libras, tendo as professoras como orientadoras pedagógicas. Em novembro de 2002, para concluir a carga horária desse curso, foi promovido no CAIC — Vicente Machado Menezes outro curso de extensão da Língua de Sinais, ministrado não só pelas alunas surdas itabaianenses, Maria Audenora e Maria Aparecida, mas também por com outro amigo surdo aracajuano José Emerson dos Santos, este mais experiente pois fazia parte do grupo de instrutores sergipanos. Para tanto, esse curso foi destinado com prioridade aos professores e pais dos alunos surdos do CAIC — Vicente Machado Menezes como também ao público interessado de Itabaiana e cidades circunvizinhas.

Em janeiro de 2003, por iniciativa do Departamento de Educação/Divisão de Educação Especial (DED/DIEESP) e apoio do CAIC — Vicente Machado Menezes, implantou-se na gestão do diretor Reynolds Alves Santos uma sala de recursos multifuncional centrada no potencial de cada aluno, com suas respectivas especificidades, visando à sua aprendizagem. Contudo, não só

fazendo um trabalho de integração como de inclusão, nove alunos surdos foram inseridos em turmas regulares do ensino e distribuídos entre a 3ª e 4ª séries do ensino fundamental nos turnos matutino e vespertino (SANTOS, 2010). Esta inserção partiu do Departamento de Educação/Divisão de Educação Especial (DED/DIEESP), que implantou uma sala específica (espaço de recursos) na escola, pelo fato de alguns alunos surdos frequentarem há muito tempo as Classes Especiais com idade/série defasada. Concomitantemente promoveu com isso o avanço escolar dos mesmos, já que na sala especial não era viável a promoção além da 4ª série. Somente em dezembro do mesmo ano esta sala foi inaugurada, na gestão de Edeznita Araújo Noronha, na época diretora da Diretoria Regional de Itabaiana DRE'03, tendo como diretor do CAIC Vicente Machado Menezes, José Mendonça Teles, como professoras regentes da educação especial, Edna Maria dos Santos, Josenilde Batista Almeida e Maria Iliai da Cruz, e como técnica de educação especial da DRE'03, Marta Suzana Fonseca (COSTA et al., 2013).

Com o passar do tempo, a sala de recursos multifuncional nomeada de Luan Fagundes Domingos<sup>4</sup> passa a atender não apenas alunos com necessidade auditiva/surdez, mas também alunos com necessidades visual e mental (BARBOSA, SANTOS e ANDRADE, 2010; SANTOS, 2010).

Com isso, contou-se especialmente com a participação das professoras Elidayse, Inês, Angélica e Júlia, que lecionam em turmas de ensino regular nas quais têm papel fundamental não apenas para o desenvolvimento dos alunos surdos, mas principalmente por sua aceitação na sala.

A Sala de Recursos “Luan Fagundes Domingos” é uma sala de aula equipada com mobiliário, materiais tecnológicos e didático-pedagógicos, sendo constituída por professores habilitados em Libras, com o intuito de auxiliar os estudantes e os professores das turmas regulares de ensino, que contam com alunos surdos incluídos em suas classes, garantindo assim o avanço desses alunos para as séries seguintes. Em 2006, aconteceu a segunda fase do encontro “Libras em Contexto” com a participação de duas novas alunas surdas, Edilaine Oliveira Andrade e Yanessa Alves de Jesus, que, ao final do curso, tornaram-se instrutoras, sendo essa fase dividida em duas etapas, ambas realizadas em Aracaju, a primeira no mesmo ano com a doutora em Linguística e pesquisadora de Libras Tanya Amara Felipe dos Santos, e a segunda em 2007 no CAS/SE, com os novos instrutores formados do primeiro encontro ocorrido em 2002 (SANTOS, 2010).

---

<sup>4</sup>Luan foi o primeiro aluno surdo da escola que veio a falecer vítima de complicações cirúrgicas.

## Histórico do Coral Estrelas Silenciosas

O Coral Estrelas Silenciosas surgiu de pequenas apresentações dos alunos surdos da Classe Especial do CAIC Vicente Machado Menezes em alguns eventos apresentados não apenas na escola como em outros espaços.

Nesses eventos intra e extraescolares, que o coral apresentou inicialmente o “Pai Nosso em Libras” nas aberturas de alguns eventos da escola, tendo feito em seguida a demonstração do alfabeto datilológico da Libras na inauguração da Casa de Fantoche na semana da criança. Seguiram-se a apresentação da música da Xuxa (“Os Cinco Patinhos”) dramatizada em Libras, o desfile de 7 de setembro, a Escola Estadual Eliezer Porto (EEEEP) e Escola Técnica Agrícola Prefeito João Alves dos Santos (ETAPJAS), na abertura do dia das merendeiras promovido pela Diretoria Regional de Educação DRE’03. Foram momentos suficientes para dar o pontapé inicial à ideia do coral, que foi recebida com muitas expectativas.

Pensando em um trabalho de interação com toda a escola, os professores que constituíam as Classes Especiais, lançaram um convite aos alunos do ensino regular com o objetivo de promover a integração entre surdos e ouvintes. Em outubro de 2001, foi divulgada em toda a escola que fosse feita uma lista com os nomes de todos de cada sala (2ª e 4ª série do turno matutino) que tivessem interesse em fazer parte do coral, e os professores das turmas regulares se responsabilizaram em entregar as listas quando prontas. Os professores das Classes Especiais ficaram impressionados com o número de alunos ouvintes inscritos. No entanto, os professores das Classes Especiais precisariam eliminar alguns alunos ouvintes para que o grupo ficasse em um limite necessário, e tiveram que adotar critérios de eliminação, como não frequência nos ensaios, não levar a sério o trabalho e outros.

Enquanto isso, uma relação de nomes para o coral foi selecionada por toda comunidade escolar, com o intuito de que no dia da eleição todos que fazem a escola escolhessem um nome especial. Chegado o dia da eleição foi afixada no mural uma lista com os respectivos nomes, uma urna, papéis e canetas à disposição para que durante todo o dia fosse realizada a votação, não esquecendo que os alunos surdos também tiveram o prazer de escolher o nome. Os professores das Classes Especiais interpretaram em Libras para eles os três nomes mais pedidos durante a votação, de modo que, a cada nome correspondia um número, e, assim, escreviam o número no papel e colocavam dentro da urna. A votação deles foi decisiva para a escolha do nome.

Desse modo, após apuração conferida pelos professores das Classes Especiais, “Estrelas Silenciosas” foi a preferida do público. Ao final do ano letivo o Coral “Estrelas Silenciosas”, contando com a participação de surdos

O presente trabalho mostrou o percurso histórico da Educação dos Surdos em Itabaiana, desde a segunda metade do século XX até os dias atuais, iniciando mais exatamente na década de 1990. Destacam-se como marcos históricos a criação das Classes Especiais para alunos surdos no CAIC — Vicente Machado Menezes em 1996, a implantação da sala de recursos Luan Fagundes Domingos em 2003, a fundação da Associação dos Surdos de Itabaiana em 2009 e os projetos pedagógicos inclusivos. Destacam-se também as contribuições das professoras das Classes Especiais para os avanços na educação dos surdos itabaienses e do professor surdo

### Considerações finais

Hoje a Escola Estadual Vicente Machado Menezes continua sendo referência em Itabaiana, não só por atender alunos surdos, mas também alunos com diferentes especificidades. A escola conta com vários projetos pedagógicos inclusivos tais como: “Inclusarte na Educação”, criado em 2001, com o grupo “Estrelas Silenciosas”, que utiliza a dança e a música, e a “Casa de Fantoche”, que utiliza o teatro; “A Difusão da Língua no ambiente Escolar”, criado em 2007, com cursos ministrados por professoras da sala de recursos; “Aprendizagem Lúdica da Língua Portuguesa”, criado em 2007, trabalha a Língua Portuguesa na modalidade escrita; “Dia Nacional do Surdo”, realizado desde 2006, entre outros projetos que estão sendo desenvolvidos, sistematizados e elaborados pelos profissionais das salas de recursos e pela técnica pedagógica da Educação Especial (SANTOS, 2010; BARBOSA, SANTOS e ANDRADE, 2010).

### Associação dos Surdos de Itabaiana (ASI/SE)

Em 8 de julho de 2009, foi fundada a Associação dos Surdos de Itabaiana (ASI/SE), ainda não oficializada de acordo com os aportes legais. A ASI/SE atua no reconhecimento dos direitos legais e cívicos das pessoas com surdez e com diretrizes de padrões éticos e morais para os surdos inseridos em um convívio social. Atualmente tem como presidente a surda e instrutora de

e instrutor de Libras do INES Paulo André Martins de Bulhões pela formação dos instrutores em 2002 e promoção dos primeiros cursos de Libras no Estado de Sergipe.

Esse estudo insere-se no processo evolutivo da História da Educação dos Surdos Sergipanos, especificamente, da História da Educação de Surdos em Itabaiana, motivando outros pesquisadores a suscitar o desenvolvimento de trabalhos e aprofundamentos sobre discussões na área de História da Educação dos Surdos.

## Referências bibliográficas

BARBOSA, M. G. S.; SANTOS, E. M. e ANDRADE, A. R. S. Aprendizagem lúdica da língua portuguesa: uma experiência desenvolvida para alunos com necessidades especiais. In: IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Anais. Laranjeiras/SE, 2010.

BRASIL. Lei no 10.436 de 24, de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Brasília, 2005.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDBEN, Brasília, 1996.

COSTA, E. S.; SANTOS, E. M.; ANDRADE, A. R. S e SOUZA, R. C. S. Registros historiográficos da educação dos surdos em Aracaju e Itabaiana/SE. In: SOUZA, R. C. S (Org.). Surdez, deficiência auditiva e educação inclusiva. Aracaju: Editora Criação, 2013. 346 p.

Diretrizes da Política Estadual da Educação Especial de Sergipe, Aracaju, março, 2000.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Reimp. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, E. M. Rompendo barreiras: uma trajetória de desafios na busca da práxis inclusiva. Anais do IV Colóquio Internacional em Educação e Contemporaneidade. Laranjeiras/SE, 2010.

\_\_\_\_\_. Comunicação e inclusão: as dificuldades de relacionamento entre surdos e ouvintes na Escola Estadual Vicente Machado Menezes. (Trabalho de Especialização). Faculdade Pio Décimo, AECPD, 2009.

SOUZA, R. C. S. Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe UFS, São Cristóvão, 2000a.

SOUZA, R. C. S. Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas,

- ARQUEIRO
- INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
- dores e conquistas. Aracaju: Universidade Tiradentes-Unit, 2005.
- \_\_\_\_\_. Educação especial do século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2009.
- SOUZA, V. R. M. Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: Educ, 1993.
- \_\_\_\_\_. Vivença de inclusão. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, 2000b.
- \_\_\_\_\_. A gênese da educação dos surdos em Aracaju. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2007.
- \_\_\_\_\_. Gênese da educação de surdos em Aracaju. Sergipe: Editora-UFS Sergipe, 2010.

# Romero Britto, carnaval e Copa do Mundo 2014: um projeto pedagógico em arte

---

*Eliane do Nascimento Gouvêa<sup>1</sup>*

## Introdução

Este projeto buscou propiciar o desenvolvimento da sensibilização de alunos surdos por intermédio da arte, observando as datas comemorativas do calendário escolar como o carnaval e a Copa do Mundo que aconteceu no Brasil em 2014. Tem como fundamentação as obras do artista Romero Britto e seus elementos plásticos, bem como os elementos que compõem um desfile das escolas de samba no carnaval. Além disso, busca criar elos para propiciar uma alfabetização ecológica e conscientização quanto à sustentabilidade do planeta e seus ecossistemas.

O projeto aconteceu em duas etapas principais: a primeira com atividades relacionadas ao carnaval e a segunda relacionada à Copa do Mundo. Entretanto, para este artigo, serão apresentadas as etapas do carnaval.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), a área de Arte procura desenvolver nos educandos conhecimentos para a formação cultural do cidadão contemporâneo, com o objetivo de mobilizar a expressão e a comunicação pessoal, intensificando as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior. Para tanto, o educando desenvolve sua cultura de arte fazendo e apreciando produções artísticas, que são:

---

<sup>1</sup> Professora de Arte do INES desde 1991. Arteterapeuta, Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente pela UNIAN/RJ. Pós-graduação Lato Sensu em: Educação Ambiental, Arteterapia, Psicopedagogia e Sociopsicomotricidade.

Ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico (PCN, 1998, p. 19).

Portanto, este projeto se justifica porque o surdo, que normalmente está excluído das informações dos meios de comunicação, somente na escola terá como suprir essa falta de informação e comunicação, e poderá conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural do seu país, do popular ao erudito, como também da sua comunidade surda, construindo assim sua cidadania.

No entanto, além da Arte, Forquin (1982) defende que a Arte Educação não deve somente criar um amor problemático e isolado pelas belas-artes, e sim criar uma consciência exigente e ativa quanto ao meio ambiente e à qualidade de vida do cotidiano. Observa-se que a falta de conhecimento sobre as questões ambientais tem gerado um desprezo aos seres que fazem parte dos ecossistemas do planeta, produzindo mentes levadas pelos modismos e, portanto, facilmente influenciadas pelo consumismo desenfreado dos tempos atuais. Por isso, é relevante envolver este aluno em uma ética ambiental<sup>2</sup> para que ele possa, além das suas potencialidades criativas, desenvolver valores socioambientais.

Sob o tema “Arte, movimento e Romero Brito”, este projeto buscou propiciar ao aluno conhecer e trabalhar artisticamente os elementos visuais da arte. E os seus objetivos específicos foram:

- Conhecer o carnaval e seus símbolos a partir da obra de Romero Brito “As cores do Brasil”.
- Conhecer os elementos de um desfile da escola de samba, alas, porta-bandeira e mestre-sala, carros alegóricos, serpentina, entre outros.
- Conhecer o artista Romero Brito e suas obras.
- Criar com os elementos e texturas da obra de Brito e objetos carnavalescos.

---

<sup>2</sup> Esta nova ética deve integrar o meio ambiente ao ser humano, como também propõe uma metodologia que promova um pensamento complexo, por meio do diálogo e da dialética, refletindo-se sobre a realidade socioambiental do entorno e possibilitando a mudança dos valores do capitalismo para valores como cooperação, solidariedade e esperança.

- Perceber os movimentos dos passos da porta-bandeira e do mestre-sala e representá-los plasticamente. Perceber movimentos e relações entre serpentina, serpente, movimentos de dança, passos e caminhos e representá-los.
- Criar máscaras carnavalescas com a forma das mãos.

## Metodologia

A primeira etapa do projeto sobre o carnaval aconteceu em um bimestre, com aulas semanais com três tempos. As atividades propostas foram direcionadas para alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Educação Básica no INES, que se encontra no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Foi escolhido o artista Romero Britto porque no início de sua carreira ele utilizou materiais recicláveis como jornais, papelão, caixas, e desenhou os cartazes tanto da Copa do Mundo de 2010 quanto da Copa de 2014, e também porque foi homenageado por uma escola de samba.

Nas aulas foram utilizados recursos visuais, com o objetivo de trabalhar o conceito de serpente, apresentando diversos aspectos relativos à sua forma, seu movimento, a serpente na história, na geografia, nas ciências, entre outros.

## Desenvolvimento da Primeira Etapa - Carnaval

### ETAPAS:

#### 1- Sensibilização:

- Para o 3º e o 4º anos:

Jogando o quebra-cabeça de Romero Britto “As cores do Brasil”, em que retrata um mestre-sala e uma porta-bandeira desfilando (Figura 1).

Sugestões para ampliar o quadro de referências<sup>3</sup>:

O que você vê? Sinalizaram carnaval. Por que parece carnaval? R: Apontam para a roupa e a bandeira. (Não sinalizam mulher e homem). O que tem no quebra-cabeça, homem, mulher, e o que mais? R: Mulher, homem, alguns apontam, e outros mostram a bandeira e sinalizam. Qual é essa bandeira?

---

<sup>3</sup> Segundo o método de Lowenfeld (1977), ampliar o quadro de referência consiste em ampliar o pensamento, o sentimento e as percepções da criança de maneira gradual, mediante perguntas ou experiências.

R: Brasil. Mas o que tem de diferente? (Não percebem que na bandeira está o nome de Britto). (Deixo para trabalhar a faixa da bandeira brasileira posteriormente, quando abordar a bandeira da escola de samba).

A professora sinaliza sobre o artista que fez a obra. Comparação com as estampas encontradas no quebra-cabeça e outros objetos, questionando e demonstrando onde se encontram no quebra-cabeça (Figura 2).



Figura 1: As Cores do Brasil, obra de Romero Britto.

Figura 2 – Jogo de quebra-cabeça (adaptado) e objetos com estampas de Britto.

- Para o 1º e o 2º anos:

Estes alunos de faixa etária entre 7 e 10 anos têm pouca língua de sinais, portanto a comunicação acontece utilizando-se a expressão corporal, imagens e acrescentando os sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para quem não conhece pede-se que repitam os sinais demonstrados.

Mostrando imagens do desfile de carnaval, com porta-bandeiras e mestres-salas da mesma faixa etária dos alunos. Criação de performances com objetos carnavalescos como, por exemplo, serpentina, confetes, máscaras, óculos, entre outros enfeites, estimulando um desfile carnavalesco.

## 2- Atividades plásticas:

Para esta etapa, dividimos as atividades plásticas propostas para “crianças” e para “pré-adolescentes” e não mais em anos de escolaridade.

### a) Título: Símbolos do carnaval

Desenvolvimento: (atividade para crianças)

1- Conversa sobre alguns objetos carnavalescos com apresentação dos mesmos e de imagens. Dinâmica: jogo simples de reconhecimento e identificação de objetos, imagens e nomes. Adivinhação e exploração.

2- Atividade plástica com colagem livre: utilizando serpentina, confetes, barbantes e objetos redondos. Pintura livre.

**b) Título: Máscaras carnavalescas**

Desenvolvimento: (atividade para crianças e pré-adolescentes)

1- Utilizar as mãos espalmadas para a confecção de máscara (Anexo 1). Etapas do processo retiradas da internet<sup>4</sup>. Materiais: papel A3, lápis, tesoura, EVA (para o produto final) e materiais para decorar. Guardar o molde da máscara no papel A3 para a confecção do próximo trabalho.

2- Segundo trabalho: a partir da máscara no papel (feita no trabalho anterior), colar a máscara de papel e criar uma pessoa com máscara (Figura 3). Material: papel A3, cola, lápis, canetinhas e material para colorir.



Figura 3: Representação de pessoas com as máscaras.

**c) Título: Movimento da serpentina**

Esta atividade pode ser confeccionada por qualquer faixa etária, porém o material utilizado dependerá da coordenação motora fina dos alunos. A nutrição acontecerá a partir da apresentação de imagens e de filme confeccionado com imagens previamente selecionadas, que apresentam essa relação serpentina e serpente, seus movimentos e formas.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://baudattasonia.blogspot.com.br/2013/01/mascara-para-o-carnaval.html>>.

**Desenvolvimento:**

1- Mostrando o objeto “serpentina”, pergunta-se o que é? O que se faz com ele? Sensibilização quanto à palavra “serpente” e “serpentina” por terem o mesmo parentesco ou origem, pela sua forma depois de cair ao chão lembrando<sup>5</sup> o movimento e a forma de uma serpente enrolada. Atividade de sensibilização, utilização de massinha imitando uma cobra ou serpente.

2- Criação do movimento da serpente com colagem da sobra da EVA (utilizada na confecção das máscaras) e fitas. Usar os recortes de EVA desconstruindo a forma da mão nas sobras, e recortar em partes. Colar no papel A3 três pedaços livremente. A seguir, colar livremente pedaços de fita representando o movimento da serpente no papel. Para turmas de menor idade trocar as fitas por massinhas modeladas em forma de “cobrinhas”, e colar no papel fazendo o movimento da serpente (Anexo 2).

3- Pintar os espaços com tinta guache utilizando somente três cores. Antes, disponibilizar outros objetos como barbante (imitando a cobra enrolada), papéis coloridos, entre outros, para a colagem.

4- Para as crianças maiores e adolescentes continuar o movimento utilizando canetinhas, obedecendo ao movimento das linhas formadas pelos objetos colados. Representação da linha sinuosa (Figuras 4 e 5).



Figuras 4 e 5: Movimento da serpentina e serpente, criação livre.

**d) Título: O caminho da serpente ou não?**

Este trabalho poderá ser elaborado por qualquer faixa etária. Dependendo dos resultados, serão realizados outros trabalhos para alcançar o objetivo do caminho da linha, serpente e outros caminhos, e para conhecer os movimentos da linha sinuosa, curva, reta, representação livre ou criação de formas espontâneas.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/vamos-ver-que-bicho-que-da>>

**Desenvolvimento:**

- 1- Colocar um acetato por cima do trabalho anterior e desenhar as linhas limites dos objetos anteriormente colados, utilizar canetas apropriadas.
- 2- Mostrar com o retroprojetor os trabalhos antes de pintarem, pedindo para que expliquem o que fizeram.
- 3- Desenhar o que vê nesse acetato. Pintar com tinta plástica ou craquelê. Observação: a tinta craquelê irá produzir um efeito de terra. Relação proposital para trazer à tona a relação do caminho da serpente na terra. Se a tinta plástica não estiver disponível, pode-se misturar cola com guache.
- 4- Depois de seco, apresentar os dois trabalhos realizados para explicação e avaliação (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7: Desenho e pintura sobre acetato.

**e) Criando formas a partir das linhas**

A partir desta etapa e da explicação dos trabalhos anteriores, percebeu-se respostas diferenciadas entre as crianças e os adolescentes, distintas pelas suas vivências. Das crianças houve respostas como animais, mãos, casa; e dos adolescentes caminhos, ruas, casas e rios. Por isso, houve necessidade de adaptar o processo para cada faixa etária e interesse.

**e.1) Jardins e ambientes — para jovens**

Da atividade com acetato e após explicação dos trabalhos apresentados, observou-se a relação com ambientes externos, por isso foram disponibilizadas imagens que lembrassem suas representações e explicações sobre o trabalho<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Por causa dessas respostas, no próximo bimestre será aprofundado o assunto "jardim", aproveitando o mês de setembro e conhecendo a obra do paisagista Burle Marx.

Cada aluno deveria escolher uma imagem que mais se assemelhasse ao seu desenho no acetato e realizar uma releitura. A seguir, deveria utilizar aquarela para colorir os trabalhos plásticos (Figuras 8 e 9).

Antes dessa atividade houve necessidade de exercícios práticos para que compreendessem como utilizar a aquarela. Foram realizadas atividades com aguada de nanquim, anilina e papel molhado, com diferentes tamanhos e texturas, trabalhando movimentos livres e fluidez.



Figuras 8 e 9: Trabalhos com releituras das imagens apresentadas.

### e.2) Movimento sinuoso

Para as crianças: nesta atividade propiciou-se experimentar o movimento da linha sinuosa, isto é o movimento da serpente, e representá-lo plasticamente. Recordando por intermédio de imagens a forma da cobra (serpente) adormecida, enrolada e entre outras posições.

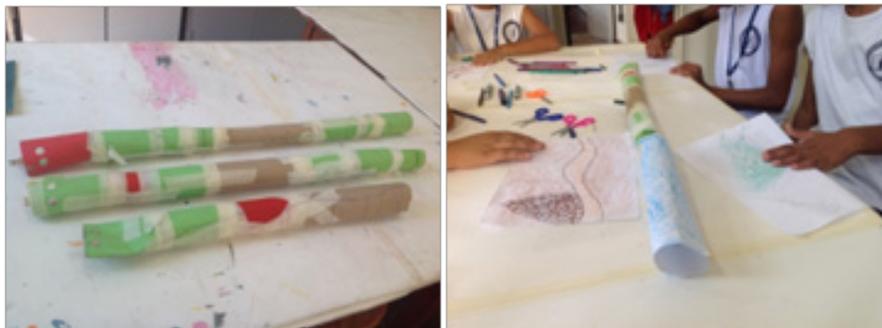
Para a dinâmica: utilizar uma corda e realizar os movimentos da cobra, atividade grupal demonstrando o resultado de cada grupo para outro. A seguir, utilizar massinha para a representação (explicação de uma aluna do 3o ano quando mostrou a massinha: “é a cobra enrolada”).

- Sensibilização para as crianças: oferecer objetos e brinquedos que lembrem o movimento da cobra: cobras de brinquedo e brinquedos de mola. Para os maiores utilizar imagens de padrões que lembrem a pele da cobra ou serpente (Anexo 3).

### Desenvolvimento da atividade plástica:

1- Confeccionar uma cobra, atividade em grupo utilizando rolos de papel higiênico (Figuras 10 e 11). Nessa atividade a turma foi dividida em trios para que fizessem as cobras sem interferência da professora. Demoraram a

confeccioná-las, e foi preciso que a professora pendurasse a cobra de tampinha no pescoço para que um aluno percebesse e tivesse a ideia para a confecção.



Figuras 10 e 11: Etapas da confecção da serpente e desenho da pele.

#### **Desenvolvimento da atividade plástica para pré-adolescentes:**

O objetivo dessa atividade foi trabalhar o movimento da serpentina e da serpente, saindo um pouco da bidimensionalidade, com técnica de recorte e colagem e utilizando outro elemento do carnaval, os confetes.

1- Utilizando o rolo de papel higiênico, cortar obedecendo à colagem da serpentina no rolo como se fosse uma serpente enrolada. Cortar entre as faixas (Figura 12).

2- Criar um movimento e colar sobre ladrilho. Colar confetes e outros objetos livremente (Figuras 13 e 14).



Figuras 12, 13 e 14: Etapas da atividade com rolo de papel higiênico.

Para ambas as faixas etárias: amplia-se a cada semana o conceito de serpente ou cobra, mostrando e vendo imagens que apresentem a forma e o movimento da serpente. Comparação com a serpentina e com a representação nas escolas de samba e na moda, verificação do seu hábitat, suas características biológicas, nascimento e alimentação, a serpente na história - sua importância para os

reis do Egito, como símbolo da medicina e o emprego do soro antiofídico, sua presença no folclore, mitologia, a utilização da pele da cobra em objetos da moda visando um questionamento quanto à sua utilização, entre outros. Os recursos utilizados são vídeos, livros e imagens.

## f) Criando formas a partir das linhas

### f.1) Criação a partir das formas das linhas sinuosas

Para os 3º, 4º e 5º anos. A partir da atividade com ladrilhos propiciou-se a criação livre de formas a partir das linhas sugeridas pelos rolos de papel higiênico recortado, buscando propiciar a criatividade e flexibilidade do pensamento. O material utilizado foi o papel A3, que foi dobrado e foram desenhadas na primeira coluna as linhas representadas nos rolos de papel higiênico; após isso, nas outras colunas foram desenhadas formas que lembrassem as linha da primeira coluna (Figuras 15 e 16).



Figuras 15 e 16: Exemplos da atividade com a criação livre de formas a partir do movimento da linha. Alguns alunos apresentaram uma história em quadrinhos.

### f.2- Ovo e serpente – crianças

Para esta etapa, foram oferecidos objetos que lembrassem a forma circular do confete, ovais entre outros. Foi observado o movimento da linha espiralada através do homem-sanfona do desfile da Comissão de Frente Unidos da Tijuca de 2012. Para as crianças foi proposta a confecção de um brinquedo sobre o ovo e a cobra, porque se percebeu que as crianças não sabiam que as cobras nasciam de ovos. Trabalhou-se também a confecção do movimento da mola através da sanfona de papel (Figuras 17 e 18).



Figuras 17 e 18: Brincando com massinha, acrescentando o objeto ovo.  
O brinquedo ovo e cobra de sanfona.

Para sensibilização, disponibilizaram-se ovos diversos, ovo de galinha quebrado, de codorna e de Páscoa. Junto a eles foram apresentadas imagens dos animais relativos a cada ovo. A dinâmica: percepção de movimentos quando na confecção dos ovos da serpente, os alunos iniciaram uma brincadeira de girar os ovos como se fossem piões, e promoveram uma brincadeira entre eles.

Esta brincadeira foi providencial neste momento, porque já estava planejado esse assunto por causa do movimento da porta-bandeira, que realiza durante o desfile o movimento do pião. Por isso, em um segundo momento, foi apresentado um vídeo do YouTube demonstrando a apresentação de desfile de uma porta-bandeira e um mestre-sala. E, para o trabalho plástico, foi confeccionado um pião com a utilização da tampinha de garrafa pet, observando-se vídeos de YouTube sobre a cultura do jogo do pião (Figuras 19 e 20).



Figuras 19 e 20: Trabalhos do 3º e 4º anos.

For sua vez, além da arte, cada vez mais é necessário construir um diálogo entre a ciência em uma visão transversal com os temas ambientais, tentando fazer com que o aluno perceba a união entre o ambiente natural e a cultura, com o objetivo de propiciar o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação aos problemas socioambientais e a construção de uma visão mais sustentável.

Finalizando essa etapa, a professora observou o engajamento dos alunos nas propostas oferecidas e por meio de suas respostas procurou reformular diversas vezes as estratégias para adequar o processo. Acredita-se que trabalhar a arte com aluno surdo é propiciar um espaço de criação e também um espaço de trocas, onde professor e alunos criam uma rede de novos significados e representações. E mediante a experimentação com diversos materiais e diferentes vivências, o aluno pode desenvolver a sua própria linguagem e perceber o valor desse símbolo.

Foi apresentado neste artigo somente um recorte da primeira etapa do Projeto carnaval e Copa 2014, objetivando apresentar mais o processo das atividades realizadas pelas crianças e pré-adolescentes do que o dos alunos sobre a Copa 2014, iniciando o exemplo com as bandeiras das escolas de samba, identidade brasileira, o mascote da Copa (o tatu bola Fuleco). Será mostrado um vídeo do YouTube demonstrando a apresentação do desfile de uma porta-bandeira e um mestre-sala, observando-se os passos e as danças e o respeito demonstrado por sua bandeira, na tentativa de que as crianças percebam o valor desse símbolo.

### **Considerações finais**

Aproveitando os ovos e o calendário escolar, a Páscoa foi o foco. Apresentaram-se ovos da Páscoa e suas representações na cultura brasileira e outras culturas. E confeccionaram-se bolsas de embalagem feitas com caixa de leite e cobertas com os papéis texturizados, colocando-se dentro um ovo pintado por eles e enfatizado com as cores primárias, embrulhado em papel celofane e com cartão. O primeiro ano desenhou um coelho no cartão.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições, 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

FORQUIN, J. A Educação Artística – para quê? In: PORCHER, Louis (Org.). Educação artística: luxo ou necessidade? São Paulo: SUMMUS, 1982, p. 25-48.

GOUVÊA, E. N. Sala ambiente de artes para alunos surdos – uma proposta de inclusão e sustentabilidade. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente) Centro Universitário Anhanguera de Niterói. 169f. 2013. Niterói, Rio de Janeiro: UNIAN.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. . Desenvolvimento da capacidade criadora, 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

## Anexos

### Anexo 1:



A partir do recorte das mãos no papel, passando para o EVA, alunos brincam com as máscaras, explicam que são pássaros e borboletas.

### Anexo 2:



Trabalhando serpente e serpentina, colagem com massinha e EVA.

### Anexo 3:



Alguns recursos utilizados para a sensibilização - movimento da cobra.

# Psicologia escolar em uma perspectiva crítica: as dimensões ética e situacional da educação em uma escola bilíngue de surdos<sup>1</sup>

---

Renato Dente Luz<sup>2</sup>

*O mundo não é. O mundo está sendo.*

**Paulo Freire**

*O EXÍLIO: 1981, Surabammar. Qual é a distância que separa um acampamento mineiro da Bolívia de uma cidade da Suécia? Quantas léguas, quantos séculos, quantos mundos? Domitila, uma das cinco mulheres que derrubaram uma ditadura militar, foi condenada ao desterro por outra ditadura militar e veio parar, com seu marido mineiro e seus muitos filhos, nas neves do norte da Europa. De onde faltava tudo até onde sobra tudo, da última miséria à primeira opulência: olbos de estupor nestas caras de barro: aqui na Suécia são jogados no lixo televisores quase novos, roupas pouco usadas e móveis e geladeiras e fogões e lavadoras de pratos que funcionam perfeitamente. Vão para o cemitério automóveis penúltimo modelo. Domitila agradece a solidariedade dos suecos e admira sua liberdade, mas o desperdício a ofende. A solidão, em compensação, lhe dá pena: pobres pessoas ricas solitárias frente ao televisor, bebendo sozinhas, comendo sozinhas, falando sozinhas: — “Nós” — conta, recomenda Domitila — “nós, lá na Bolívia, nem que seja para brigar, nos juntamos.”*

**Eduardo Galeano, 1998, p. 336**

---

<sup>1</sup>Dedico este artigo àqueles companheiros de trabalho institucional com os quais pude experimentar vários anos de parceria e diálogo, de luta ombro a ombro, e aos alunos surdos que reforçaram em mim a urgência de uma psicologia cotidianamente engajada e combativa. E deixo minha gratidão a Ana Karina Amorim Cbecchia, por sua acolhida e sabedoria amorosas.

<sup>2</sup>Graduado, mestre e doutor em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo — USP —, com proficiência em tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa pelo Prolibras/MEC. E-mail: denteluz@yahoo.com.br

As bases para tal dimensão ser um acontecimento sólido estão, em parte, na *dimensão subjetiva*. Sempre como um alguém que transcende categorias, nós acontecemos criativamente a partir de um suporte orgânico, ou seja, nosso corpo específico, que é dotado de certas disponibilidades sensoriais e

rica, apoiada por outros humanos. Vários sentidos. Por isso, falar de ética é falar de vida digna e existencialmente da vida, nos tornamos mais dolorosamente desamparados e precários, em chamar de ética. Sem esse apoio para nossa travessia pela delicada experiência e a responsabilidade com um alguém, com seu rosto, é o que poderíamos independentemente de quaisquer atributos específicos. O reconhecimento considerando essa dimensão desde o princípio de nossa vida biológica e um alguém a priori, um rosto, um alguém único e irrepetível. Existimos, Na *dimensão ética* temos revelado o anseio de sermos reconhecidos como um fenômeno único: a condição humana.

(LUZ, 2011, 2013a, 2013b). Inseparáveis no cotidiano, elas são aspectos de dimensões relacionadas dialeticamente: a ética, a subjetiva e a situacional. Um possível modo de nos descrever seria dizer que somos a partir de três áreas do saber — da filosofia, passando pela psicologia, entre outras, até as artes — têm buscado nomear e compreender a experiência humana. Nós, seres humanos, somos, no mínimo, complexos e paradoxais. Diversas Quem somos nós?

## Condição humana

A fim de qualificar a definição de tais parâmetros, passaremos antes por algumas conceituações breves, a saber, sobre a condição humana, a condição surda e a própria PEFC, para então, apresentarmos e refletirmos sobre alguns aspectos centrais dessa experiência em psicologia realizada em uma escola bilingue de surdos.

Este artigo tem por objetivo descobrir sobre os parâmetros teórico-metodológicos utilizados em um trabalho em psicologia escolar realizado durante alguns anos em uma escola bilingue de surdos, especialmente apoiado na Psicologia Escolar em uma Perspectiva Crítica (PEPC). A PEPC objetiva tornar a escola um privilegiado espaço social de realização humana de seus atores e, para isso, busca construir, sobretudo, condições ético-relacionais mais emancipatórias para um maior fortalecimento político, formativo e psicológico destes.

## Introdução

motoras, em um arranjo orgânico único. Trata-se de um rosto (um alguém) que experiência gradativamente um si-mesmo, o Outro (a alteridade) e o mundo comum a partir de sua base orgânica e que busca significar esses três elementos de modo criativo e interpretativo. E com o passar do tempo — e se tudo corre bem —, a tudo isso faz de modo cada vez mais singular. Aqui, a experiência cada vez mais completa de si, da alteridade e do mundo se dá como significação e comunicação do que é vivido dentro de si, na sua cultura, na sua família, na sua escola etc. Essa é a dimensão subjetiva da condição humana: um alguém como um ser psicossomático, comunicante, relacional e dependente, singularizando-se nas experiências amplas de mundo, entre outros humanos.

E o mundo e o Outro que bebemos psicossomaticamente sempre são manifestações de um tempo e de um espaço específicos. Essa é a *dimensão situacional* da condição humana. É sempre a partir de um lugar, de uma época e entre subjetividades, com seus modos de ser histórica e relacionalmente engendrados, que nos realizamos no mundo comum. Somos, então, não só a partir de certa recepção ética e de um corpo específico e pleno de anseio por aparição<sup>3</sup>, sedento por gente, mas também nos constituímos a partir de modos de ser particulares que se configuraram em uma situação datada, localizada, única e encarnada. Não pairamos sobre a realidade. Somos feitos dela.

Pensar a condição humana a partir desse ângulo das três dimensões implica a percepção da ética como recebimento de um ser único no mundo, para além de atributos pontuais, de uma subjetividade forjada a partir de um específico aparato orgânico-sensorial, entre outros humanos, amparos únicos e insubstituíveis para a travessia pela vida. E implica dizer que é pela recepção qualificada em comunidades humanas que podemos alcançar uma realização gradativa de nossa potência, experiência amparada também em específica situação (época e lugar definidos). Nessa dialética humana temos a criação de um território subjetivo, um si-mesmo, um alguém com maior ou menor aparição subjetiva no mundo, uma singularidade gestada criativamente a partir de certas condições éticas, sensoriais, comunitárias, linguísticas etc. Pois nesse conjunto todo encontra-se a fragilidade, a dor e a beleza de nossa viagem pela vida, nossa ânsia de contato e comunicação qualificados, nossa dependência de outros e a finitude inerentes à condição humana.

---

<sup>3</sup> O conceito de aparição foi inspirado em certa tradição das ciências humanas de origem fenomenológica e trata de um anseio humano por profunda realização de si entre outros humanos, uma experiência subjetiva que depende em muito de amparo ético. Trata-se de uma aparição não apenas em um sentido físico, mas de maneira simbólica e existencial, uma aparição transcendente (LUZ, 2011, 2013a).

E o que faz um psicólogo em uma escola? Aconselhar? Ensinar? Curar? Acolher? Da bronca? Observar? Consertar? Atender clinicamente? Orientar? Pune? Conversar? Silencia-se? Silencia?

## Psicologia escolar em uma perspectiva crítica

Se os surdos, como todos os humanos, são dependentes do que lhes é relacionamente ofertado no mundo comum, é preciso então lutar permanentemente pela disposição de condições humanas que facilitem a sua participação criativa e singular neste mundo, mesmo porque, até o momento, do ponto de vista ético e histórico, a acolhida dessa população ainda não se mostrou sólida.

(...) os surdos são uma minoria sensorial. Temos, assim, configurada uma condição surda derivada da condição humana que se apoia em quatro aspectos centrais: a) no anseio por reconhecimento ético de seu rosto, ou seja, que independa da sua configuração orgânica; b) em uma sensorialidade surda variável em época, grau, tipo etc.; c) na ontológica sede humana por realização de aparição e, para isso, de experiências singulares plenamente comunicantes; d) e no anseio de um idioma que seja disponibilizado por Outros linguísticos e que, concomitantemente, seja acessível sensorialmente (LUZ, 2013b, p. 31).

E quem são os humanos surdos? Surdos são, nos termos antes utilizados, os humanos que apresentam uma experiência sensorial menos apoiada no sentido da audição, com arranjos sensoriais variados e únicos. Eles se organizam psicossomaticamente em muito a partir do sentido visual e do que encontram de condições éticas-sociais-linguísticas no mundo comum, entre os demais seres humanos. Ou seja, os que experimentam essa condição surda atemporal se constituem a partir da relação dialética entre seu aparato orgânico único, o específico chão ético disposto, os modos de ser relacionamente encontrados e as condições objetivas situacionais ofertadas:

## Condição surda

Muito brevemente enunciada aqui uma reflexão sobre a condição humana, podemos definir um segundo conceito central para o presente texto, derivado desse primeiro: a condição surda.

Há diversas formas de se pensar o ser humano e o mundo comum. Pois as diferentes vertentes da psicologia são esforços histórica e culturalmente elaborados de apresentar concepções consistentes para esses dois elementos. Ora antagônicas, ora inconciliáveis, ora complementares, ora articuláveis, as diferentes teorias psicológicas são fruto da luta humana por nomeação de nossa experiência no mundo. Ao transformarem-se em ação neste, tais práticas psicológicas encontram oportunidade de expressão profissional onde quer que existam humanos presentes: em um hospital, em uma fábrica, em uma creche, em uma família, em um abrigo, em uma escola, em um presídio, em uma clínica etc. No presente texto, os recortes teórico-práticos são: uma concepção de homem-mundo mais crítica, centrada na consideração ética da dimensão situacional da experiência humana; e a escola enquanto campo de atuação.

A escola, tal qual constituída na contemporaneidade ocidental, apresenta papel muito significativo nos nossos processos de subjetivação, tal qual os definimos acima ao falarmos sobre a condição humana. A escola é um microuniverso, igual e diferente do macrouniverso social. E muito é o que ela pode ofertar para as pessoas: a escola pode ser palco de processos mais excludentes ou mais inclusivos; alimentar mais a emancipação do humano ou mais o assujeitamento adaptativo e produtivista; apresentar certos saberes construídos culturalmente por gerações; ofertar certos instrumentos de leitura de si e de mundo; propiciar em algum grau experiências de pluralidade, constitutivas do singular etc. Considerando apenas essas ofertas, muitas poderiam ser as formas de atuação de um psicólogo escolar. A referência teórica que nos inspirou para realizar a prática profissional a ser apresentada aqui é da PEPC<sup>4</sup>.

A PEPC considera ativamente a dimensão situacional da condição humana no ambiente educacional/escolar e o papel ético-político-emancipatório do psicólogo escolar. Isso se dá por meio da compreensão crítica da relação entre indivíduo, família, escola e a dinâmica social mais ampla e dos decorrentes

---

<sup>4</sup>Essa perspectiva congrega diferentes vertentes teóricas e práticas no campo da psicologia educacional/escolar e da orientação à queixa escolar, todas de cunho crítico em relação aos processos psicossociais de subjetivação engendrados no contexto da educação/escola na contemporaneidade. O seu viés crítico tem o sentido de uma práxis que caminha em direção à raiz, que quer ir mais a fundo na compreensão de certa realidade e dos modos de ser e relacionar-se que esta propõe, para além das aparências, suportando as contradições e os múltiplos ângulos de um mesmo fenômeno. Somente fazendo isso, criticamente, pode elaborar ações mais éticas visando a alguma emancipação humana a aparição em algum grau de seus atores institucionais. Não se trata de crítica como reclamação, destruição, ataque ou julgamento moral, mas sim como um a partir de ético no diálogo com a realidade já situacionalmente posta. Tal perspectiva foi gestada a partir da segunda metade dos anos 1980, no Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP (MACHADO; SOUZA, 2004; SOUZA, 2007). Entre alguns dos principais nomes da PEPC encontramos: Maria Helena Souza Patto, Marilene Proença Rebello de Souza, Adriana Marcondes Machado, Beatriz de Paula Souza, Lygia de Sousa Viégas, entre outras(os) docentes, profissionais e pesquisadoras(es) atualmente espalhadas(os) pelo país.

Na construção de uma prática em determinada instituição, a FEPC busca dialogar com a realidade local a partir da acolhida das demandas trazidas espontaneamente pela própria comunidade escolar e, para isso, assenta-se na escuta, na parceria, na observação atenta, na leitura crítica institucional, com a análise das questões locais enquanto expressões dos impasses/ansios históricos institucionais e do contexto macrosocial, considerando a realidade sócio-política dessa escola e o perfil de sua população. Assim, alguns conceitos centrais nesta perspectiva em psicologia escolar seriam: a ética, a escuta, o diálogo, o respeito, a democracia, a pluralidade, a horizontalidade,

Constrata à moralização, à judicialização, a medicalização e ao controle normativo da vida, a FEPC assenta-se sobre um fazer de orientação ética que, ofertado no cotidiano escolar, sirva como apoio humano para a realização das singularidades presentes. Na FEPC busca-se falar com, não falar sobre; sujeitos, não objetos; contradição e paradoxo, não dicotomia e simplificações maniqueístas; aparências; diálogos, não monólogos; um coletivo, não grupos. Busca-se os mais profundos ansios humanos, não só comportamentos e sintomas; a horizontalidade relacional, não a verticalidade; o protagonismo, não o assujeitamento; a emancipação, não a adaptação.

As ações do psicólogo na FEPC são tanto na definição e realização de leituras e ações focadas na dimensão subjetiva da condição humana descoladas das suas dimensões ética e situacional.

enfrentamentos em situações emergenciais, a curto prazo lidas criticamente a partir do contexto institucional, quanto na sustentação das discussões e ações a médio e longo prazo, objetivando sempre o fortalecimento ético da comunidade escolar por meio de trocas comunicativas qualificadas, da democratização da instituição e do fomento do protagonismo amplo, isto é, o psicólogo nesta perspectiva em psicologia escolar politiza a esfera pública e caminha na direção oposta a culpabilizações individualizantes e reducionistas (seja em relação aos alunos, aos pais ou aos educadores) e vai na contramão de leituras e ações focadas na dimensão subjetiva da condição humana descoladas da apartação ampla de todos (LUZ, 2013b).

esses distintos atores a fim de apoiar o desenvolvimento de resoluções mais plurais que qualifiquem a educação/formação ofertada pelo local, na direção demais funcionários). A prática em FEPC busca apoiar a articulação entre seus múltiplos atores institucionais (alunos, pais, professores, gestores e precisa ser pensada e questionada por meio do diálogo constante entre processo de (des)humanização de seus alunos e, por isso, esta instituição em psicologia escolar considera que a escola e seus múltiplos e cotidianos acontecimentos individuais e coletivos “falam” e têm papel essencial no infinitas narrativas, verbais e não-verbais. Em linhas gerais, essa perspectiva modos de ser institucionalmente produzidos e manifestados por meio de suas

a multiplicidade de atores, o falar com, o fazer com, a mediação de conflitos, a aparição, a coletividade, a reflexão crítica, a politização da esfera pública e o empoderamento psicossocial<sup>5</sup>.

### **PEPC em uma escola bilíngue de surdos – princípios gerais e eixos transversais de intervenção**

E o que faz um psicólogo em uma escola que tenha alunos surdos?

A tentativa de responder a essa quarta questão guarda todas as identidades possíveis com a questão imediatamente anterior, mais geral, sobre o papel do psicólogo em uma escola, e pede alguns avanços.

Como foi deixado claro, a posição aqui adotada é diretamente enraizada na PEPC – inevitavelmente singularizada pelo presente psicólogo/autor –, ou seja, em prol de ações que potencializem uma leitura situacional da realidade do aluno e promovam uma educação para a emancipação, para a aparição de sujeitos únicos. As singularidades são eticamente gestadas estimando a dimensão situacional, além da subjetiva, feita esta de certa sensorialidade. Pois, no caso dos que experimentam a condição surda, há que se acrescentar uma compreensão das suas especificidades amplas: em uma escola qualquer que tenha alunos surdos, os anseios, tensões e conflitos institucionais são atravessados pelas particularidades históricas, políticas, linguísticas e sociais próprias dessa população e a estas é preciso conhecer para construir uma mais profunda leitura contextual e posteriores ações.

Entre tais particularidades podemos destacar a mais urgente em uma sociedade de maioria ouvinte, ainda excludente: a necessidade de um reconhecimento das especificidades sensorial – sobretudo, visual – e linguística dos surdos, das quais decorre, em termos atuais, o necessário fomento de um ambiente escolar bilíngue/bimodal. Ou seja, há a urgência de se construir uma sólida e ampla realidade linguística na instituição educacional que contemple, com acessibilidade e equidade, o sujeito que experimenta a condição surda nos seus anseios comunicativos mais profundos, para isso alimentando o aprendizado e uso das locais língua de sinais e língua oral (especialmente na sua vertente escrita), duas modalidades linguísticas distintas (LUZ, 2013b).

---

<sup>5</sup> *Aos que desejam maiores aprofundamentos teóricos em torno dos conceitos até aqui apresentados, sugerimos a leitura pormenorizada da bibliografia referenciada, especialmente a do presente autor.*

Caso contrário, ou seja, sem um ambiente escolar efetivamente bilíngue e bimodal, perpetuaremos a exclusão social dessa parcela surda da população dentro da escola e, como consequência, prejudicaremos gravemente sua participação ampla em diferentes esferas da vida. Em outras palavras, o trato ético dessa questão sensorial-linguística dos surdos é, em muitos sentidos, anterior ao antagonismo, na atualidade, entre a escola inclusiva (uma escola com alguma parte de alunos surdos) e a escola bilíngue de surdos (uma escola de alunos surdos) (ANGELUCCI; LUZ, 2010; LUZ; ANGELUCCI; NEVES, 2012). Há um *ethos* (um modo de ser e fazer ético) a ser considerado e materializado que deve preceder, em vários sentidos, o *locus* (local de realização de certos modos de ser e fazer) de sua efetivação, embora, obviamente, deste *locus* não possa prescindir.

É de se esperar que sendo na PEPC a comunicação qualificada tão central, em uma escola qualquer que tenha alunos surdos (inclusiva ou bilíngue de surdos) está colocado o imperativo do conhecimento linguístico por parte do psicólogo escolar das duas línguas locais — aqui no Brasil, a Libras e o português escrito. Lutando pelo reconhecimento ético de rosto de um alguém como algo que antecede certos atributos e ainda dialogando (de modo não reducionista/paralogizante) com os traços centrais constitutivos da pessoa que experimenta a condição surda, é vital considerarmos consistentemente as realidades sensorial e linguística diferenciadas dessas pessoas e construirmos ações a partir dessa dupla experiência linguística deles, em prol de um bilinguismo social de surdos que englobe a escola e, inclusive, transcenda os seus muros.

Sublinhados, em primeiro lugar, a presença do tipo ético-política do psicólogo orientado pela PEPC e, em segundo lugar, o imperativo bilíngue do trabalho do psicólogo em quaisquer instituições educacionais que tenham alunos surdos, podemos passar à apresentação das linhas gerais do trabalho que desenvolvemos em PEPC em uma escola bilíngue de surdos, ou seja, em uma escola composta discentemente só por alunos surdos e que trabalhava linguisticamente apoiada no ensino e uso cotidianos da Libras e do português escrito<sup>6</sup>.

Ao longo dos anos em que esse trabalho se deu, diversas foram as atividades, em algum momento, propostas para a comunidade escolar, sempre em movimento e reinvenção para acomodar reflexivamente as questões que

<sup>6</sup> *Considera-se, para os fins do presente artigo, que mais importante do que a identificação da específica instituição educacional de surdos envolvida nesta prática e de sua análise mais documentada, são as questões maiores (teóricas e metodológicas) debatidas aqui, próprias da psicologia, da psicologia escolar, da PEPC, da área da surdez e da educação/escolarização de surdos. Obviamente, este recorte dissertativo não descarta a existência dos particulares modos de subjetivação propostos por esta específica instituição e a consideração de seu impacto na prática a ser relatada. Ela não será objeto de análise aqui.*

o tempo institucional trazia. Para além da descrição pormenorizada delas, achamos mais interessante explicitar o algo que transcendia e forjava tais atividades, pois, aqui, muito mais significativo do que “o que e o como foi feito”, nos parece ser pensar “o porquê foi feito”, ou seja, as origens teóricas e metodológicas de nossa experiência institucional.

Um tanto desses porquês originários que gestaram “o que e o como foi feito” acreditamos já ter explicitado na própria construção dissertativa realizada até esse ponto, enquanto princípios gerais: as três dimensões da condição humana; o anseio humano por aparição; a orientação ética de uma psicologia crítica; a condição surda; e o imperativo de um trabalho psicológico bilíngue/bimodal. Outro tanto pode ser compreendido a partir da explicitação que faremos a partir de agora de três eixos transversais de intervenção, elementos metodológicos constitutivos das práticas elaboradas neste espaço escolar, todos três dialeticamente relacionados e enraizados nos princípios gerais apontados acima e, claro, na PEPC: a mediação dialogada; a democratização institucional; e a nomeação dos anseios e impasses institucionais. Vejamos cada um desses três eixos:

1) Mediação dialogada: é a acolhida constante dos conflitos/queixas escolares, com a sustentação de uma atmosfera real de diálogo com e entre os distintos atores institucionais envolvidos em cada situação ruidosa relacionalmente, com o fomento do protagonismo e da humanização do espaço escolar, seja em encontros particulares em local reservado, seja coletivamente durante os diferentes agrupamentos, eventos, reuniões e assembleias escolares. Essa mediação psicossocial (e, muitas vezes, concomitantemente linguística) pode ser proposta para quaisquer dos atores institucionais que estiverem em tensão/embate/queixa entre si no ambiente escolar. Sua prática, sempre que possível, compõem-se de três momentos importantes: a acolhida/escuta incondicional das narrativas dos envolvidos; a elucidação compartilhada e crítica com os protagonistas da situação ruidosa, até ser alcançada uma síntese consistente, mais justa e profunda; e a definição/implementação de uma ação não-violenta de enfrentamento do conflito/queixa (reparação, diálogo etc.) por parte dos envolvidos e de quem mais for importante. A mediação dialogada pode ser praticada transversalmente em um sem número de atividades cotidianas da escola, com diferentes combinações de atores (entre famílias e alunos, entre alunos, entre profissionais da escola, entre alunos e professores etc.), inclusive podendo prescindir da presença do psicólogo. Até mesmo relatórios de alunos, se tecidos a partir dessa lógica dialogada, podem servir como catalizadores de uma comunicação humanamente mais qualificada, menos superficial e estigmatizante.

Não temos dúvidas de que nos seus limites e alcances sempre locais, nas suas mutações e tensões ao longo do tempo, nas suas contradições e paradoxos, na sua realização distante do ideal as atividades realizadas em psicologia escolar a partir dos princípios gerais aqui postos e dos seus derivados eixos transversais de intervenção encontram seus efeitos formativos

esse terceiro eixo.

escolares, relatos institucionais periódicos etc. são maneiras de concretizar apresentadas a partir de episódios cotidianos de conflito ou de reuniões parâmetros institucionais, análises transversais da escola pontualmente oscilante. A elaboração de um documento coletivo registrando nortes/que podemos nos tornar mais efetivamente um coletivo comunitário, menos clareza do que temos em comum por habitarmos uma mesma comunidade culpabilizante/dividualizante dos impasses da instituição. É por meio da entre a totalidade dos atores locais e construa uma compreensão menos uma leitura analítica institucional que clarifique melhor os anseios comuns dá por meio do comparilhamento, em distintos momentos e situações, de em torno do desvelamento dos principais desafios locais. Isso se mediação do diálogo e da troca reflexiva com todos os atores institucionais e (3) Nomeação dos anseios e impasses institucionais: é a promoção e

eixo transversal.

outros fazeres, materializam bem explicitamente o espírito desse segundo docente, de funcionários), a sustentação de reuniões grupais estáveis, entre de sala, o fomento das múltiplas representações grupais (discute, de país, espaços políticos como o grêmios estudantis e encontros como as assembleias uma formação mais emancipatória, com maior participação de todos. O apoio de esfera pública, é um longo e permanente processo, porém necessário para clima de consideração da palavra de cada ator institucional e politização da seio da escola. Lutar por essa horizontalização, pela criação essencial de um duradouro, de espaços mais organizados no tempo, mais permanentes no a democratização institucional é um eixo transversal de fomento do mais pontuais e emergenciais (ainda que, eventualmente, de efeito prolongado), Distintamente da mediação dialogada, pensada sobretudo para construir ações de experiências de contato com o plural enquanto elemento do singular. Um de seus efeitos mais formativos e salutarres é a facilitação de comunicações de abertura de momentos periódicos de comunicação qualificada, menos hierarquizados, que fomentem efetivamente o enfrentamento coletivo do comum escolar. Dentro de cada grupo de atores institucionais) e intergrupais (entre os representantes dos grupos de atores) na compreensão e enfrentamento dos desafios cotidianos e coletivos da instituição. Isso se dá por meio da abertura de momentos periódicos de comunicação qualificada, menos hierarquizados, que fomentem efetivamente o enfrentamento coletivo do comum escolar. Um de seus efeitos mais formativos e salutarres é a facilitação de experiências de contato com o plural enquanto elemento do singular. Distintamente da mediação dialogada, pensada sobretudo para construir ações de democratização institucional: é a articulação e potencialização de

possíveis, diretos ou indiretos, em uma escola. Em geral na contramão do socialmente proposto na contemporaneidade, o trabalho enraizado na PEPC transcende a quantidade de resultados positivos, tal qual se poderia pensar sob uma ótica capitalista e produtivista. É a qualidade das marcas éticas e emancipatórias o que deve nos interessar neste tipo de trabalho, em qualquer escola. Alguma semente brota, ainda que das rachaduras do asfalto.

### Considerações finais

Antes de finalizarmos, algumas pontuações esparsas e breves, mas importantes pelo seu sentido de complementação ao que nos propusemos aqui, no presente artigo. A primeira: nota-se, em geral, nos debates da área de surdez, uma diluição das discussões psicológicas, sobretudo as de cunho psicossocial e crítico. Mais comumente, tais debates encontram-se centrados nas temáticas educacionais, linguísticas ou em uma vertente da psicologia mais individualizante/patologizante. Entende-se que uma aproximação da psicologia crítica (escolar ou não) à área de surdez pode ser mutuamente enriquecedora.

A segunda: o olhar crítico aqui descrito, de várias maneiras, não é e não deve ser privilégio do psicólogo. É um ethos proposto para qualquer ator escolar, ainda que, é claro, o fazer psicológico possa ter suas especificidades.

A terceira: como discutido anteriormente em Luz (2013b), trata-se de pensarmos que o processo formativo em uma instituição educacional com alunos surdos é algo mais amplo do que somente as discussões sobre as particularidades dessa população – embora precise se apoiar urgentemente no reconhecimento destas, sobretudo na questão sensorial-linguística e nas suas implicações múltiplas. Em outras palavras, para se pensar em escolarização de surdos, acreditamos ser preciso refletir profundamente também sobre o que é a vida humana, seu possível sentido e no que (e como) a educação pode apoiá-la. De modo complementar, é urgente entendermos que a luta por uma vida mais digna não pode ser descolada do necessário avanço em outras áreas da vida, como saúde, assistência social, moradia, lazer, cultura etc. Sem essa humilde percepção da localização política da escola na vida social mais ampla, o trabalho institucional ficará muito mais limitado ainda e, pior, enlouquecedor. A escola sozinha não oferta e nem ofertará todas as condições imateriais e materiais para uma vida mais digna daqueles que vivem (ou não) a condição surda. Novamente cabe lembrar que, mais do que um *locus*, está em jogo um *ethos* a ser realizado nos campos diversos e cotidianos da vida humana, em rede. Assim, a luta por um bilinguismo de surdos não

uma sociedade mais bilíngue para surdos e ouvintes. Fazemos pode se restringir apenas a uma escolarização bilíngue de surdos. Certamente as questões a enfrentarmos são inúmeras e complexas. No entanto, para não sairmos desanimados daqui, fiquemos com Eduardo Galeano e Paulo Freire, nossos faróis éticos nesta viagem: enquanto seres humanos, estamos todos interligados, e somente juntos, no enfrentamento das inevitáveis e compartilhadas questões humanas, é que podemos relembrar disso e a isso enfrentar com maior qualidade ética, pois o mundo está sendo, ele não é, e está todo dia nos convocando para realizá-lo. Que o humanizemos, então, sempre!

## Referências bibliográficas

- ANGELUCCI, C. B.; LUZ, R. D. Contribuições da escola para a (de)formação dos sujeitos surdos. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2010.
- GALEANO, E. *Memória do vento*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.
- LUZ, R. D. Cenas surdas parentais: em busca da apartação de surdos na contemporaneidade. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2011.
- LUZ, R. D. Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Parábola Editorial, 2013a.
- LUZ, R. D. Reflexões sobre o bilinguismo geral: apontamentos para o fortalecimento do bilinguismo de surdos. In: ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (Org.). *Libras em estudo: política linguística*, v. 5. 1. ed. São Paulo: FEENEIS, 2013b.
- LUZ, R. D.; ANGELUCCI, C. B.; NEVES, S. L. G. A atualização dos processos de exclusão das pessoas surdas no âmbito educacional. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, RJ, v. 38, p. 39-49, jul./dez. 2012.
- MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (Org.). *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- SOUZA, B. P. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

## Aconteceu

---

No dia 29 de outubro deste ano, no Clube Hebraica no Rio de Janeiro, foi realizado o X Encontro de Pais de Surdos do Estado do Rio de Janeiro, sob o tema “Tecnologia e Educação: quais os desafios?”.

O objetivo do evento foi *Refletir sobre os atuais desafios no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto da Educação*.

O Encontro trouxe o debate sobre tempos que se aproximam, em que é de fundamental importância refletir sobre a relação da surdez e as novas tecnologias, assim como trocar ideias sobre a importância da educação de surdos. Como disse o palestrante Renato Dente Luz, comparando com Eduardo Galeano, cada surdo em sua “aparição” é como uma fogueira, é único. Todos puderam aprender sobre essa nova “aparição” dos surdos, esse novo surgimento perante a sociedade a partir das novas tecnologias.

As palestras do evento foram “Recursos comunicativos e surdez: em busca do sentido da comunicação humana”, apresentada pelo palestrante Renato Dente Luz; “Novas tecnologias como ferramentas de mudança social”, pelos palestrantes Renato Kimura da Silva, Marcelo Lúcio Correia de Amorim e Rafael de Tommaso do Valle; “Conhecendo o Sistema de Frequência Modulada (Sistema FM)”, por Fabiana Gonçalves Vasconcelos e Paula Rezende Nunes; “Material Pedagógico: da proposta à ação”, de Tássia Alessandra de Souza Ferraz e Joana Correa Saldanha; “Informatizando para a vida: contribuições tecnológicas para a Educação”, por Carolina Cardoso Machado.

Nesse X Encontro de Pais foram apresentados centenas de novos desafios, como, por exemplo, novos aplicativos, que demonstram que temos muito a aprender para enfrentar os novos caminhos que vêm conferindo aos surdos autonomia e cidadania.

## **Normas para publicação na revista Arqueiro**

---

A revista Arqueiro tem como missão divulgar práticas relacionadas à educação de surdos e à educação especial. Os interessados devem enviar os artigos para o endereço [conselhoeditorial@ines.gov.br](mailto:conselhoeditorial@ines.gov.br) obedecendo ao seguinte padrão editorial:

- título em **negrito** centralizado;
- identificação de autor ou autores, com e-mail e instituição de origem, logo abaixo do título, em fonte tamanho 10, do lado direito da página;
- citações e bibliografia de acordo com as Normas da ABNT;
- formatação em papel A4; margens superior e inferior com 4,5cm; margens direita e esquerda com 3cm;
- extensão de cada matéria com, no mínimo, seis páginas e, no máximo, com dez páginas;
- corpo do texto com fonte em Times New Roman, tamanho 12 e alinhamento justificado.

Os trabalhos serão submetidos à Comissão Editorial do INES, que revisará os que forem aprovados.

**Instituto Nacional de Educação de Surdos**

**Comissão Editorial**

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003  
Telefax: (21) 2285-7284 / 2205-0224  
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br





Aula de linguagem das classes adiantadas  
Década de 30 - INES

Realização

**Instituto Nacional de Educação de Surdos**

**Ministério da Educação**

